

Os jesuítas em Sergipe

(1575-1759)

Francisco José Alves
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA DA UFS E IHGSE

Os jesuítas deixaram fundas marcas na história de Sergipe. Ao longo de quase duzentos anos foram atores destacados em diversos aspectos da vida da então comarca. Os seguidores de Santo Inácio de Loyola foram entre nós agentes capitais do processo de construção da civilização sergipana, foram os primeiros catequizadores, educadores e construtores. Numa palavra, protagonistas da colonização.

Tal atuação marcou, dentre outros aspectos, o imaginário dos sergipanos. Indício disto é que, ainda na primeira metade do século 20, o folclorista José de Carvalho Deda (1898-1968) encontrou, corrente no interior do Estado – na boca dos rústicos –, a expressão “no tempo dos jesuítas”. Por meio dela, o matuto demarcava uma época, evocava os muitos anos da atuação jesuítica em Sergipe.¹

Na verdade, os jesuítas foram, em Sergipe, a vanguarda da colonização. Tiveram papel relevante desde a primeira tentativa de colonização do território. Neste sentido, esboçamos um perfil da atuação jesuítica em Sergipe nos séculos 16, 17 e 18.

Corria o ano de 1575. Da Bahia, rumava para as terras além Rio Real, em direção ao São Francisco, os jesuítas Gaspar Lourenço e João Salônio. Os religiosos são acompanhados por um capitão e por alguns soldados. No entender de alguns historiadores, os jesuítas teriam chegado até o local da atual capital do Estado, Aracaju. De fato, carta-relatório de Pe. Inácio de Tolosa (1533-1611), datada de 1575, menciona a construção das igrejas de São Tomé, Santo Inácio e São Paulo. A localização – na geografia atual – destas proto-missões jesuíticas de Sergipe é tarefa ingrata. O missivista oferece, na carta, somente vagas indicações.²

Frente à exigüidade de dados que facultem a localização mais precisa das três primeiras missões jesuíticas de Sergipe, os historiadores têm dado tratos à bola no sentido de situar tais redutos na atual divisão administrativa do Estado. Felisbello Freire (1858-

1916), em fins dos oitocentos (1891), levantava a hipótese de que a aldeia de São Tomé teria se localizado no sítio da “vila” de Santa Luzia. Por sua vez, Urbano de Oliveira Lima Neto, em 1981, situa a missão primitiva ao sul da cidade de Estância na confluência dos rios Piauí e Piautinga. Já a missão de Santo Inácio, no parecer de Felisbello Freire, estaria situada no local da “vila” de Itaporanga. Quanto à missão de São Paulo, Urbano Lima Neto pensa que esta estaria sediada “nas plagas do Aracaju”. Vale dizer que tanto um como outro historiador não apresentam as razões das suas hipóteses.³

A fase da proto-catequese finda dramaticamente em 1576. No fatídico ano, o governador da Bahia, Luiz de Brito, vem a Sergipe bater-se com os índios. Como resultado da empresa militar, 1.200 índios foram levados escravizados para a Bahia. No dizer de um cronista da ordem, o destino de tais índios foi o extermínio, “pois Deus com a morte se serviu libertá-los”.⁴ Foi o término temporário das esperanças jesuíticas em terras sergipenses. A faina catequética tem que esperar mais 14 anos, para ser retomada nas terras além Rio Real.

Num segundo momento, logo após a conquista militar do território por Cristóvão de Barros em 1590, vamos encontrar os obstinados jesuítas atuando firme na colonização de Sergipe. No ano de 1601, o irmão jesuíta Amaro Lopes, em nome do reitor do Colégio da Bahia (Salvador), solicita ao governante de Sergipe, o capitão-mor Diogo de Quadros, uma sesmaria no “Vale direito ao rio Vaza Barris” para a criação de gado. Na petição, o religioso diz que os jesuítas estavam atuando em Sergipe desde por volta de 1597, ou seja, sete anos após a conquista de Sergipe.⁵

Podemos dizer que a presença dos jesuítas em Sergipe no século 16 é marcada por duas fases distintas. No período pré-Cristóvão de Barros, nos anos de 1570, a ação jesuítica entre nós tem feito exclusivamente catequético. Naqueles anos, dominou o ânimo dos inacianos, o desejo de converter os silvícolas de Sergipe

aos ditames da fé católica. E o interesse religioso que predomina. É a época de Pe. Gaspar Lourenço e seus auxiliares. Como disse o Pe. Inácio de Tolosa, o fito dos seus irmãos era arrancar (das garras do demônio) as almas dos índios sergipenses.

Após a conquista militar de Sergipe, em 1590, ao que parece, a ação jesuítica toma – entre nós – novo rumo. Nesta fase final do século 16, os inacianos vêm a Sergipe na condição de criadores sobretudo. A região sergipana serve de suporte pecuarista do famoso Colégio de Salvador, então sede dos inacianos no Brasil. Nesta época, os sergipanos reivindicaram a construção de um colégio em São Cristóvão. Todavia, o projeto não veio a concretizar-se. A atuação jesuítica limitou-se a esporádicas missões voltadas para os brancos nas terras sergipenses.

No início do século 17, em 1602, registra-se os laboriosos jesuítas atuando em diversos pontos do território de Sergipe. Desta forma – conforme testemunha coevo –, os inacianos estavam no sul do Estado, em Geru, com uma “missão” onde catequizavam os cariris, silvícolas habitantes da região. Estavam também em Tejupeba (município de Itaporanga) com um “colégio” onde, provavelmente, educavam os filhos dos pecuaristas moradores nas adjacências e, conforme um historiador da ordem, construía embarcações para uso próprio e para a venda; uma “especialização” da casa.⁶

Ainda nos seiscentos, registra-se a presença destes religiosos em Jaboatão (atualmente Japoatão) nas

cercanias do Baixo São Francisco. Sempre, segundo uma fonte de época, Jaboatão era uma “residência do Colégio da Bahia”. O Colégio da Bahia (diga-se Salvador) foi um pólo da expansão jesuítica no Nordeste e no Sudeste.⁷

Findando a primeira metade do século 17 (em 1649), encontramos evidências documentais da atuação jesuítica no sertão do São Francisco, em Jaboatão. Na verdade, tal presença, como já vimos, vinha do início do século 17. Em 1677, os jesuítas do Colégio de Japoatão entram em conflito com o todo poderoso latifundiário Pedro de Abreu Lima, senhor de terras nas vizinhanças do colégio jesuítico. A escritura de ajus-

te entre os padres e o fazendeiro, lavrada na cidade de Salvador, prova a atuação dos inacianos naquelas paragens do território sergipano.

Conforme o documento, a razão do conflito era a imprecisão dos limites entre as terras do pecuarista e os domínios dos padres. A situação causava "ódios e diferenças" entre eles. O acordo buscava pôr termo a tais demandas, demarcando com precisão as fronteiras das duas propriedades em conflito. Na ocasião, era reitor do Colégio de Jaboatão Pe. Manuel da Costa. A demanda havia se iniciado em 1649, quando os jesuítas haviam comprado ao fazendeiro Pedro de Abreu Lima, no dizer da época, "duas sortes de terra no rio de São Francisco".⁸

O documento precioso dá-nos indícios da atuação econômica dos seguidores de Santo Inácio de Loyola naquela área do território sergipense. O testemunho menciona explicitamente "curral da onça", situado no riacho das Tabocas, como sendo "do" colégio. Os jesuítas – como noutras partes do Brasil –, além de almas, cultivavam o gado. Se dedicaram à lide pecuarista. Caso os topônimos antigos tenham sido conservados, a escritura nos possibilitaria demarcar com precisão a localização das terras do colégio jesuítico de Jaboatão.

O século 17 foi – ao que parece – a época áurea da atuação jesuítica em Sergipe. Durante este século os inacianos se espalharam pelo território e diversificaram as atividades exercidas. Nesta fase, atuam em di-

versas frentes. Militam na pecuária, na construção naval, na catequese dos índios e na assistência espiritual dos brancos, e na construção de igrejas mais consistentes. Há como que uma especialização de cada pólo ou localidade. Geru é núcleo de catequese permanente e da formação de soldados; Tajupeba é sede da construção de embarcações; Jaboatão é um curral de gado, bem como a fazenda do "Aracaju". A Ordem poderosa estava presente com sua riqueza, prestígio e influência, em diversos quadrantes do território sergipano.

A fase áurea da presença jesuítica em Sergipe, como no restante do Brasil, termi-

na em 1759. Medidas anteriores do Marquês de Pombal já vinham limitando a atuação jesuítica. Em 1758, por exemplo, as aldeias indígenas passam do governo religioso dos padres para um governo civil. Missões ascendem à condição de vila. Em 1759, o governo de Pombal tira dos jesuítas o monopólio do ensino, tanto no reino como nas colônias de além-mar. A carta de expulsão, de setembro de 1759, alcança os jesuítas de Sergipe. Historiador sergipano diz que, na época, habitavam em Sergipe 35 inacianos.⁹

Todavia, os executores das ordens régias, em Sergipe, prendem somente quatro religiosos. Um no Colégio de Tajupeba e três no Colégio de Jaboatão. A prisão dos padres, conforme fonte de época, provocou viva comoção na população. Em Itajupeba é preso o Pe. José Teixeira. Já em Jaboatão são feitos prisioneiros os padres Agostinho Mendes, Gerônimo Moniz e Joaquim Costa.¹⁰

Como se vê, o século 18 representa o fim da atuação dos inacianos em solo de Sergipe. A fase termina dramaticamente em 1759, com a vexatória expulsão. Na verdade, ao longo das quase seis décadas da centúria, o poder dos jesuítas já vinha sofrendo algumas contestações. O poderio dos inacianos aqui – como no Brasil – começa a despertar ódios e invejas. O "estado" jesuítico – no entender de alguns – ameaçava o governo do Marquês de Pombal. O resultado é que a teocracia inaciana foi aniquilada de modo truculento. Em Sergipe, como em todo reino português, era o fim do "tempo dos jesuítas".

NOTAS:

1. DEDA, José de Carvalho. **Brefaias e Burundangas do Folclore Sergipano**. 2 ed. Maceió: Catavento, 2001, p. 177.
2. Carta do Pe. Inácio de Tolosa ao geral da Companhia de Jesus, Bahia, 7 de setembro de 1575. in: FREIRE, Felisbello. **História de Sergipe**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 71-76.
3. FREIRE, Felisbello. **História de Sergipe**. 2ed. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 70, notas 7 e 9; LIMA NETO, Urbano de Oliveira. Prefácio. In: NASCIMENTO, José Anderson do. **Sergipe e seus Monumentos**. Aracaju: J. Andrade, 1981.
4. SACHINI, Francisco(?-1625). **História**

Societatis/ ESU. Antuérpia: Filiorum Martini Nutti, 1620.

5. Carta dos padres da Companhia de Jesus. 10 de março de 1601. In: FREIRE, Felisbello. **História de Sergipe**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 357.

6. LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Rio de Janeiro: INL, 1945. tomo 5, p. 116-327.

7. GUERREIRO, Fernão (1550-1617).

Relaçam anual dos cousas que azeram os Padres da Companhia. Lisboa: Jorge Rodrigues, 1605. v. 1, p. 142.

8. Escritura de composição e demarcação de terras entre os padres da Companhia de Jesus e Pedro de Abreu Lima – Salvador, 22 de dezembro de 1677. In: LIMA JÚNIOR, Francisco de Carvalho. Uma página sobre a Companhia de Jesus em Sergipe. **Revista do IHGSE**. Aracaju, 1992. n. 31. p. 177-194.

9. LIMA JÚNIOR, Francisco de Carvalho. Uma página sobre a Companhia de Jesus em Sergipe. **Revista do IHGSE**, Aracaju, n. 31, p. 177-194, 1992.

10. CAEIROS, José. **De Exílio Provinciarum...** Bahia: Tipografia Salesiana da Bahia, 1936. p. 105-107.